



PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

REVISTA DE
GEOGRAFIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia>

VEREDEIROS: MODOS DE VIDA E SUA ATUAL RELAÇÃO COM O CERRADO

Aliny Ferreira Queiroz¹, <https://orcid.org/0000-0003-1212-621X>
Flávia Kênia de Jesus Sousa², <https://orcid.org/0000-0003-3374-1190>
Isabel Antônio de Carvalho³, <http://orcid.org/0000-0002-4668-9646>
Mayra Nayara Nair dos Santos⁴, <https://orcid.org/0000-0001-5638-083X>
Victor Alves Santos⁵, <https://orcid.org/0000-0001-8549-8298>

¹ Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil*

² Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil**

³ Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil***

⁴ Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil****

⁵ Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil*****

Artigo recebido em 23/11/2021 e aceito em 10/10/2022

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal compreender os modos de vida dos Povos Veredeiros e sua atual relação com o Cerrado, especificamente quanto à compreensão dos conflitos e resistências desses povos e a identificação de como se dá a interação com o bioma. Para isso, utilizamos de uma revisão bibliográfica exploratória de artigos e livros em bases digitais disponíveis do *Google Acadêmico*, assim como, documentários sobre manifestações culturais dos Povos Tradicionais que colaboraram na sustentação teórica do artigo, bem como de entrevistas semiestruturadas com três representantes da comunidade veredeira e um pesquisador desses povos que contribuiram com relatos sobre diversas características da população veredeira. Com referenciais, recorremos a Costa (2005; 2012), Gomes e Freitas (2010), Martins e Júnior (2012), entre outros que discutem sobre as particularidades dos Povos Veredeiros. Por fim, destacamos que esses povos possuem uma íntima relação com o local em que vivem no Cerrado, as Veredas, manifestada como marco de identidade expresso pela habitação desse território, no qual desenvolvem suas manifestações culturais e, respeitando a natureza, exploram-na por meio da agricultura, pecuária e extrativismo. Além disso, resistem ao tempo, cercamento e segregação imposto pelo modo capitalista de produção.

Palavras-chave: cerrado; povos veredeiros; território; identidade.

* Mestra em Geografia, Rede Estadual de Educação de Goiás, alinyqueiroz@discente.ufg.br

** Licenciada em Geografia, Rede Estadual de Educação de Goiás, flaviakenia2018@gmail.com

*** Licenciada em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, isabelcarvalho@discente.ufg.br

**** Licenciada em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, mayrinhanair@gmail.com

***** Licenciado em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, victor.santosalves@hotmail.com

VEREDEIROS: WAYS OF LIFE AND ITS CURRENT RELATION WITH THE CERRADO

ABSTRACT

The main objective of this study is to understand the ways of life of the Veredeiro peoples and their current relationship with the Cerrado, specifically regarding the understanding of conflicts and resistance of these peoples and the identification of how they interact with the biome. For this, we used an exploratory bibliographic review of articles and books in digital bases available on Google Scholar that contributed to the theoretical support of the article, as well as semi-structured interviews with three representatives of the Veredeira community and a researcher of these peoples who contributed with reports on various characteristics of the Veredeira community. With references, we resorted to Costa (2005; 2012), Gomes and Freitas (2010), Martins and Júnior (2012), among others who discuss the particularities of the Veredeira peoples. Finally, we highlight that these peoples have a close relations with the place where they live in the Cerrado, the Veredas, manifested as a mark of identity expressed by the habitation of this territory, in which they develop their cultural manifestations and, respecting nature, explore it through agriculture, livestock, and extractivism. In addition, they resist the time, curtailment, and segregation imposed by the capitalist mode of production.

Keywords: cerrado; veredeiros peoples; territory; identity.

VEREDEIROS: MODES DE VIE ET SA RELATION ACTUELLE AVEC LE CERRADO

SOMMAIRE

L'objectif principal de cette étude est de comprendre les modes de vie des peuples Veredeiros et leur relation actuelle avec le Cerrado, en particulier en ce qui concerne la compréhension des conflits et de la résistance de ces peuples et l'identification de la manière dont se déroule l'interaction avec le biome. Pour cela, nous avons utilisé une revue bibliographique exploratoire d'articles et d'ouvrages dans des bases de données numériques disponibles auprès de Google Scholar qui ont contribué au support théorique de l'article, ainsi que des entretiens semi-directifs avec trois représentants de la communauté villageoise et un chercheur de ces peuples. qui a contribué avec des rapports sur plusieurs caractéristiques de la communauté Veredeira. Avec des références, nous nous tournons vers Costa (2005; 2012), Gomes et Freitas (2010), Martins et Júnior (2012), entre autres qui discutent des particularités des peuples Veredeiros. Enfin, nous soulignons que ces peuples ont une relation intime avec le lieu où ils vivent dans le Cerrado, les Veredas, manifestée comme une marque d'identité exprimée par l'habitation de ce territoire, dans laquelle ils développent leurs manifestations culturelles et, dans le respect de la nature, explorent à travers l'agriculture, l'élevage et l'extractivisme. De plus, ils résistent au temps, à la restriction et à la ségrégation imposés par le mode de production capitaliste.

Mots-clés: cerrado; peuples veredeiros; territoire; identité.

INTRODUÇÃO

As discussões relacionadas ao Cerrado atualmente concentram-se, especialmente, sobre a preservação de sua fauna e flora que vive em constante ameaça, principalmente pelo avanço da agropecuária. Mas o Cerrado abriga diversos povos e culturas que ainda resistem às investidas do capital, cujos agentes desrespeitam a preservação ambiental e invadem os territórios desses povos, que cada vez mais estão sendo segregados e cerceados quanto ao seu modo de viver.

Dentre os diversos povos que habitam o cerrado, este estudo centrará suas discussões nos povos Veredeiros, que segundo Martins (2012, p. 02), “[...] tem suas territorialidades envolvidas por suas águas e terras.” Essa escolha está relacionada, sobretudo, às poucas pesquisas publicadas sobre a sua origem, costumes e modos de vida, entre outros aspectos. Com isso, julgamos importante esta pesquisa, visto que tem o intuito de promover e divulgar as particularidades desses povos.

Os povos Veredeiros estão intimamente ligados ao seu território, de modo que vivem em áreas com a presença de veredas do Cerrado, por isso recebem este nome, e são nesses espaços próximos aos cursos d’água, áreas inundáveis, além das chapadas, que eles desenvolvem a agricultura, a pecuária e o extrativismo, especialmente do babaçu; realizam suas festas; expressam suas religiões; existem e resistem ao tempo.

Deste modo, o estudo tem como objetivo geral compreender o modo de vida dos povos Veredeiros e sua atual relação com o Cerrado. Os objetivos específicos visam: conhecer as características culturais e territoriais presentes nos povos pesquisados e identificar os conflitos e resistências existentes entre os povos veredeiros. Para isso, utilizamo-nos uma pesquisa de cunho qualitativa, e como procedimentos, revisão bibliográfica exploratória de artigos e livros em bases digitais disponíveis do *Google Acadêmico*, assim como, documentários sobre manifestações culturais dos Povos Tradicionais que contribuíram com a sustentação teórica à pesquisa, e aplicamos entrevistas semiestruturadas¹ realizadas de maneira *on-line* com três representantes dos povos Veredeiros, além de um pesquisador que direciona suas pesquisas sobre esses povos, complementando as informações sobre a sua cultura, lutas e perspectivas. Para fundamentar teoricamente o estudo, baseamo-nos em Costa (2005; 2012), Gomes e Freitas (2010), Martins e Cleps Júnior (2012), entre outros que tratam sobre as características dos povos Veredeiros.

¹ As referidas entrevistas foram autorizadas previamente pelos participantes.

Assim, o artigo apresenta as principais características dos povos Veredeiros relacionadas ao ambiente que vivem e sua ocupação no Cerrado, o desenvolvimento da agricultura, pecuária e extrativismo, além de suas manifestações culturais e seus conflitos, resistências vigentes, marcos regulatórios que protegem os Povos Veredeiros, bem como direitos e deveres.

Ambientes de Veredas e população nativa

Nas regiões do bioma Cerrado há ocorrência dos ambientes de Veredas, locais nos quais há o afloramento do lençol freático e predomínio da palmeira arbórea *Mauritia Flexuosa*². A cobertura vegetal desse ambiente varia de 5% a 10% e a altura média de 12 a 15 metros (RIBEIRO; WALTER, 1998). Em suas pesquisas sobre o Cerrado, Barbosa (1996) denomina esse ambiente como Subsistemas das Veredas e Ambientes Alagadiços e caracteriza-o da seguinte forma:

No Subsistema das Veredas e Ambientes Alagadiços, as cabeceiras de alguns córregos e rios, são às vezes, caracterizados por ambientes alagadiços, decorrentes do afloramento do lençol de água ou ainda em virtude de características impermeabilizantes do solo. Nestes locais, são muito frequentes as veredas, que são paisagens nas quais predominam os coqueiros buriti e buritirana que, às vezes, se distribuem acompanhando os cursos d'água até a parte média de alguns rios formando uma paisagem bonita. Há um estrato inferior de gramíneas que se apresenta verde durante todo ano. Em alguns locais, o afloramento do lençol chega a formar verdadeiras lagoas, rodeadas por buritis *Mauritia Vinífera* (BARBOSA, 1996, p. 04).

Os autores Ribeiro e Walter (1998) também contribuem com essa definição, discorrendo que a Vereda (ver figura 01) é a fitofisionomia com presença de palmeira arbórea *Mauritia Flexuosa* emergente, circundada por Campo Limpo e encontrada em solos hidromórficos, sua ocorrência está condicionada ao afloramento do lençol freático e exercem papel fundamental na manutenção da fauna do Cerrado.

² Popularmente conhecida como Buriti.

Figura 01 – Ambiente de Veredas



Fonte: São Gonçalo, 2020.

É importante ressaltar que as áreas de Veredas são essenciais para a manutenção de redes hidrográficas, pois em sua área de ocorrência há presença de várias nascentes, que alimentam os cursos hídricos, sendo uma importante fonte de água no Cerrado, um refúgio para a fauna, e também um suporte para garantir a sobrevivência da população nativa. Segundo Filho e Moreira (2015, p. 03), “as veredas são fontes de água perene no Cerrado, mantendo a vazão de rios e córregos durante o período não chuvoso, configurando uma área de exudação, ou seja, em contato com a água superficial”.

Ainda nesse direcionamento, Ferreira (2005) resalta a importância das Veredas para o bioma do Cerrado:

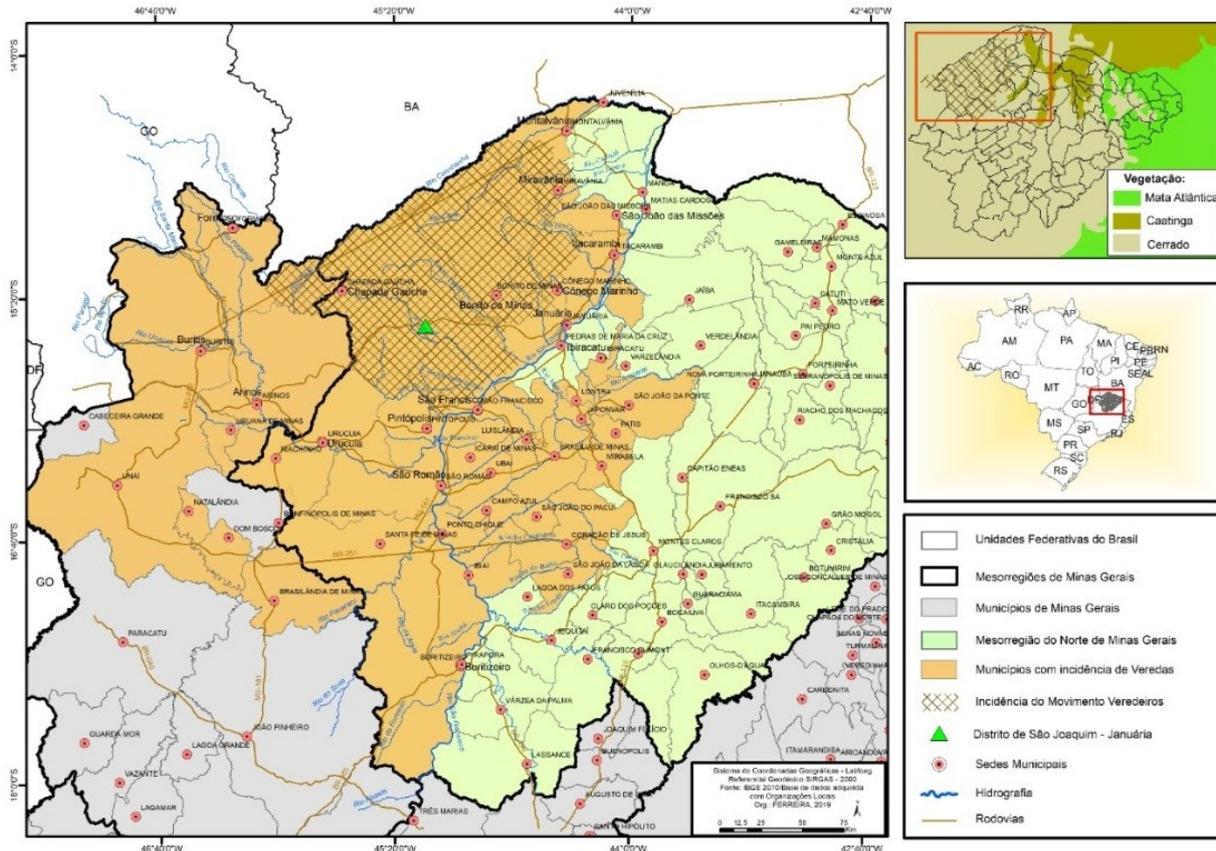
As Veredas se constituem em importante Subsistema do Cerrado, possuindo, além do significado ecológico, um papel sócio econômico e estético-paisagístico que lhe confere importância regional, principalmente quanto ao aspecto de constituírem refúgios faunoflorístico e por ser ambientes de nascedouros das fontes hídricas do Planalto Central Brasileiro, abastecendo as três principais bacias hidrográficas do Brasil (FERREIRA, 2005, p. 01).

Esse subsistema do Cerrado, além de ser fundamental para o equilíbrio hidrológico, é essencial sob o ponto de vista socioeconômico para os povos Veredeiros, que nele desenvolvem a ocupação agrícola, a pecuária e o extrativismo, além da caça e pesca. Sobre o sistema de produção dos povos Veredeiros, Costa (2005) faz a seguinte caracterização:

Os veredeiros caracterizam-se por um sistema de produção agroextrativista, com plantio rotativo no campo úmido de envoltório da vereda, agroextrativismo e soltío de gado. Nas

épocas de chuva, deixam o gado se movimentar livremente pelas chapadas, enquanto na época de seca, aproveitam os campos ainda úmidos do envoltório da vereda (COSTA, 2005, p. 38).

Figura 02 - Área de incidência de comunidade de veredas nas regiões dos planaltos sanfranciscanos, Norte de Minas Gerais



Fonte: DAYRELL, 2019.

Os povos Veredeiros vivem nas veredas e chapadas próximas aos cursos de água, nos quais são favorecidos por um clima mais fresco e úmido. Estão localizados, basicamente, na junção entre os estados de Minas Gerais, Bahia e Goiás, principalmente nas extensas áreas da margem esquerda do Rio São Francisco (ver figura 02 acima). Porém, podem ser encontrados povos Veredeiros espalhados por todos os territórios dominados pelo Cerrado.

Os povos veredeiros são considerados camponeses, devido a sua relação com a terra, o que garante a sobrevivência do núcleo familiar a partir da exploração de suas potencialidades. A identidade desses povos é construída a partir de uma relação intrínseca com os ambientes de Veredas, o qual se torna um território de produção da vida humana. Segundo Martins e Junior (2012, p. 141), “as populações veredeiras constroem seus territórios na interação do espaço social com o espaço

físico. Por isso, rios e Veredas tornam-se referências, casa de moradias e espaços ideais para a territorialização humana”.

Agricultura, pecuária e extrativismo

A existência da agricultura, pecuária e extrativismo desenvolvida pelos povos Veredeiros tem uma interdependência com a natureza, afirmando conexões territoriais de ordens materiais e sociais. De acordo com Gomes e Freitas (2010), essa relação proporciona o fortalecimento de saberes profundos da natureza e de seus ciclos, e que conseqüentemente, retratam a preparação e estratégias para uso e manejo dos recursos naturais disponíveis, mediante tecnologias de baixo impacto ambiental.

Assim, segundo Costa (2012), o sistema produtivo das populações Veredeiras é designado como sistema agroextrativista, construído com a conexão de atividades agrícolas, pecuárias e extrativistas, o que caracteriza por ser desenvolvido pelas famílias, com saberes e respeito ao cuidado com a terra, plantas e animais, com valores ancestrais, distanciando-se do cunho mercantil de produção. Gomes e Freitas (2010) apontam que

a base econômica das gentes das veredas apoia-se, principalmente, na agricultura com o cultivo de arroz, feijão, que são cultivados em áreas irrigadas com a técnica do ‘esgoto’, ou seja, estreitos canais construídos a partir do manejo das veredas para a drenagem das áreas cultivadas, que se localizam a distâncias relativas do espaço da casa, já o milho e a mandioca, parte importante da agricultura veredeira, são cultivados em terras de alto, ou seja, áreas descontínuas, próximas do espaço da casa (GOMES; FREITAS, 2010, p. 4 *apud* JACINTO, 1998, p. 34).

Os autores também assinalam que o cultivo do arroz é no período chuvoso e o de feijão e milho em duas safras (março e julho) no período da seca. Já próximo às suas casas são organizados pomares, com presença de diversas frutas típicas, que são usadas para a fabricação de doces, como banana e abacaxi, além da plantação de mandiocas e hortaliças diversas, ambos para consumo familiar e venda do excedente. Em especial, o principal produto comercializado é a mandioca na forma de farinha ou goma, que é processada na “Casa da Farinha”, um local usado para beneficiamento de toda comunidade Veredeira.

Além desses cultivos mencionados, é possível perceber também a produção de hortas em brejos ou em cursos d’água próximos, bem como de plantas medicinais. Ainda adjacentes a esses

cursos d'água, o gado é criado solto, assim como “pequenos animais, sobretudo as aves, galinhas, cocás e perus” (GOMES; FREITAS, 2010, p. 04). Além disso, é possível visualizar a criação de equinos, caprinos e suínos, que assim como o gado bovino, funcionam como um reserva de valor e segurança aos povos Veredeiros, principalmente com a chegada da seca.

Tanto a agricultura quanto a pecuária dos povos Veredeiros são de subsistência, ou seja, para o consumo familiar, sendo o excedente muitas vezes vendido em feiras da cidade ou destinado à organização de cooperativas que contribuem com o fortalecimento financeiro das famílias envolvidas, de forma integrada. Além disso, segundo o senhor Carlos³, entrevistado para o referido estudo, o cultivo e troca de sementes crioulas⁴ (ver figura 03) é desenvolvido e busca a manutenção da agrobiodiversidade, em contraponto às monoculturas empresariais.

Figura 03 – Sementes Crioulas



Fonte: SANTOS, Jaime, 2021.

Vale salientar que, em nossa entrevista, o senhor Carlos fez uso da palavra para falar a respeito do processo da importância do extrativismo em sua comunidade, uma vez que através das folhas de buriti são produzidos artesanatos para comercialização em feiras e trocas entre comunidades, além de citar a extração do mel, que segundo João⁵, nosso convidado para conversa junto com o senhor Carlos, é considerado um mel refinado, usado na comunidade e vizinhanças. Além disso, fazem o uso também do Buriti, uma fruta muito usada na produção de geleias, doces e sucos que, além de ser muito consumido em seu estado natural nas comunidades, também é comercializado pelos visitantes e vendidas em feiras ou outros locais.

³ A entrevista foi realizada no dia 14 de junho de 2021 e o nome do entrevistado foi ocultado. A fonte consultada é pertencente à Associação dos Pequenos Produtores Rurais e Agricultores Familiares de Rio Pardo, Capoeirão e Adjacências, e conselheiro titular da sociedade civil representando os Veredeiros no Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais.

⁴ Sementes não modificadas geneticamente e muito utilizadas por povos tradicionais.

⁵ O nome do pesquisador foi ocultado.

João nos informa ainda que a produção de Fava d'Antas, que é considerada uma planta medicinal do Cerrado segundo o site Hoje em dia (2017), muito utilizada nas comunidades para alimentação dos animais, é vendida para ser comercializada em diversos locais. Não se sabe ainda o destino final das favas, mas a saída das comunidades Veredeiras é realizada anualmente de acordo com o senhor Carlos e serve para utilização de cosméticos, como bem citado por João.

Para tal,

o beneficiamento da produção é realizado no interior deste sistema produtivo pelo conjunto familiar e/ou coletivo, onde cada família constitui-se como uma unidade econômica, com cada membro assumindo uma função em todo processo de produção. Cada família, enquanto unidade econômica detém todo o domínio do processo de produção, devido a reduzida divisão técnica e social do trabalho existente (GOMES; FREITAS, 2010, p. 03).

Importante lembrar que, para Dayrell (2002) *apud* Gomes e Freitas (2010), os usos extrativistas de cada um dos espaços constitutivos do território familiar e coletivo derivam das condições naturais que esses espaços possuem.

Além disso, nas comunidades Veredeiras é possível verificar, como aponta o senhor Carlos, a confecção de artesanatos, principalmente envolvendo matéria-prima retirada do babaçu ou de outros elementos da natureza, sendo possível fabricar produtos como materiais com bordados, tranças de palha em formato de vasilhas, objetos de decoração, madeira em formato de animais, anéis e colares produzidos com semente e flores, entre outros utilizando produtos extraídos da própria região para serem comercializados em feiras e eventos (ver figura 04).

Figura 04 – Pano de prato bordado com sementes crioulas e comercializados pela Comunidade Veredeira



Fonte: SANTOS, Jaime, 2021.

Percebe-se que o desenvolvimento das atividades de agricultura, pecuária e extrativismo realizadas pelos povos Veredeiros são de subsistência, com práticas de manejo e saberes tradicionais que não prejudicam a natureza. São, portanto, atividades-meio⁶, não tendo como intuito a lucratividade, e sim o consumo próprio ou, quando muito, a venda do excedente. Mas o desenvolvimento destas atividades tem-se tornando cada vez mais inseguro para os Veredeiros, especialmente em relação ao sufocamento territorial articulado pelos grandes latifundiários, que diminuem cada vez mais suas áreas para plantação e criação de animais e que provocam poluição e esgotamento das nascentes d'água, desmatamento, queimadas, entre outros impactos, que a médio ou longo prazo prejudicam os modos de vida Veredeira na manutenção de suas tradições.

Manifestações culturais

Principais festas

As festividades são marcadas por encontros de pessoas onde possam compartilhar experiências, fomentar as tradições nas comunidades em que estão inseridas, e perpetuar suas raízes de forma que incentivem os jovens a seguir os mesmos caminhos. Nas comunidades Veredeiras não é diferente. Todos os processos de festividades são organizados pelos membros dos grupos das comunidades tradicionais que compartilham entre si momentos que possam marcar e levar alegria para a ocasião. Músicas, danças, cantigas de roda, instrumentos musicais e troca de vivências entre os povos Veredeiros, são alguns dos muitos traços das tradições que eles carregam em si e no seu modo de viver.

Nesse contexto, podemos notar que suas manifestações culturais, muitas vezes consideradas como natureza imaterial, definida segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2021) como “àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)”, estão

⁶ Não relacionadas, diretamente, com atividades-fim que são voltadas para comercialização.

intrinsecamente ligadas às diversidades com que as festividades acontecem e que se adequa à época e estação do ano, sendo diversas e variadas.

Sabe-se que essas festividades diferem de comunidade para comunidade, podendo ter mais tempo de execução durante os períodos de festas, mudanças nos cantos, novos instrumentos usados durante as cantigas, passos diversificados durante um baile dentre outros processos de implantação quanto aos costumes e práticas do grupo em questão, por este motivo, falaremos a seguir de duas dessas principais festas que os povos Veredeiros, juntamente com as outras comunidades tradicionais, realizam.

Folias de Reis

A tradicional Folia de Reis acontece entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro. Tem o intuito de remontar “a passagem bíblica de Mateus, que conta a visita de alguns Magos a Jesus Cristo, no seu nascimento. Guiados pela Estrela do Oriente, eles encontraram a manjedoura onde estava o menino e ali lhe entregaram os presentes que levavam: ouro, mirra e incenso” (GONÇALVES, 2012, p. 03).

Segundo o que consta na literatura, a tradição da “Folia de Reis” teria

chegado ao Brasil por intermédio dos portugueses no período da colonização, uma vez que, essa manifestação cultural era realizada por toda a Península Ibérica sendo comum a doação e recebimento de presentes a partir da entoação de cantos e danças nas residências. Nessa linha de argumentação, a Folia de Reis teria surgido no Brasil no século XVI, por volta do ano de 1534, por meio dos Jesuítas, como crença divina para catequizar os índios e posteriormente os negros escravos (PERGO, 2007, p. 01).

As Folias de Reis, no entanto, independem da igreja católica para acontecer, uma vez que elas possuem datas, horários, cânticos e ritos que se perpetuam nos movimentos das folias de acordo com o meio comunitário, possuindo características próprias de manifestações culturais tal como acontece na comunidade Veredeira. Por outro lado, a Folia de Reis tem uma ligação direta com “o sagrado e o profano”, considerados, a partir de então, partes de um mesmo ritual (GONÇALVES, 2012).

O ato de gostar das folias de reis é passado de geração em geração. É como se fosse uma continuação daquilo que eles acreditam. Uma herança carregada de fé, devoção e promessas. Essa fé

é trazida para a folia por meio dos pedidos realizados, sendo de qualquer caráter: promessa para conseguir emprego, pagar uma dívida, sarar ou curar-se de uma determinada doença, dentre tantas outras.

A organização da folia, portanto, é realizada pelos próprios membros das comunidades tradicionais, dar-se-á inicialmente nos dois meses anteriores ao mês que acontece a folia – dezembro/janeiro –, traçando logísticas e percursos de folia, cientes de que casas irão transitar, em quais irão realizar o pernoite, cantar, festejar e quais comunidades vão fazer parte do reisado⁷ naquele ano.

De início, as demandas são separadas pelos membros das organizações de cada comunidade, tais como: os chapéus dos músicos – quem usará e como serão enfeitados; a roupa da folia para os foliões saírem uniformizados, afinação de instrumentos dos músicos, enfeite da bandeira com fitas e tecidos coloridos e alegres e a decisão e confecção de uma faixa com o nome intitulado da folia (ver figura 05). Após a organização de todos os detalhes, dar-se-á a realização da separação dos integrantes e quando chega à época do reisado, as festividades se iniciam.

Dentro da folia existem componentes de suma importância para a realização do giro⁸ e que fazem parte diretamente do percurso da folia, tais como os mestres, os músicos, os foliões que levam a bandeira e os palhaços. Estes últimos, de acordo com nosso entrevistado João, fazem parte das folias do Norte de Minas, como nas comunidades dos povos Veredeiros. O Documentário sobre a Folia de Reis, publicado no ano de 2018 na plataforma digital YouTube, nos reforça isso lembrando que os palhaços são vistos com maus olhos em algumas comunidades, pois sua presença marca a trajetória de Herodes quando manda seus soldados assassinares o menino Jesus – por isso os palhaços⁹ são conhecidos como soldados arrependidos.

⁷ O Reisado é essencialmente um teatro nômade, peregrinal, processional, ambulante, uma grande narrativa desenvolvida por um grupo de brincantes, sem começo ou fim, na busca interminável da utopia que, entre suas várias traduções, tanto pode ser lida como o Divino (no caso dos Reis Magos), quanto como a “Terra Sem Males” dos índios brasileiros (BARROSO, 2008, p. 01).

⁸ Giro é a peregrinação feita pelos foliões que inclui um ponto inicial, a festa de partida, e um ponto final, a festa de chegada. O percurso é composto pela visita a casas de devotos que recebem a bandeira dos santos e lhes dão oferendas, fazem rezas de pedidos e agradecimentos (FÉLIX; PESSOA, 2007, p. 08).

⁹ Os palhaços não serão apresentados neste artigo, porque não fazem parte da manifestação cultural da comunidade Veredeira.

Figura 05 – Folia de Reis



Fonte: São Gonçalo, 2020.

Neste mesmo documentário, os entrevistados de diversas comunidades nos trazem as definições e responsabilidades dos membros das folias que são: os mestres, os músicos e a bandeira. Nessa ordem, os mestres são responsáveis por toda a folia. Eles precisam saber necessariamente quais músicas serão cantadas e suas letras, por onde a folia vai transitar, em qual casa vão realizar as refeições e descansar; precisam estar por dentro de cada movimento que é dado dentro das datas em que a folia acontece.

Os músicos se situam atrás da bandeira, com suas violas, sanfonas, violões, tambores e outros instrumentos musicais alegrando a passagem dos foliões. Eles são responsáveis também pelas cantorias no percurso, alegrando as casas por onde deslocam-se, fazendo improvisações ou rezando.

A bandeira, que é carregada por um membro da comunidade, sendo ele às vezes o próprio promesseiro¹⁰, é a que representa a comunidade, toda folia tem sua bandeira, sendo enfeitadas com fitas coloridas, cores vibrantes e alegres. É a bandeira quem chega primeiro à casa do convidado, a quem sai nas ruas, que comanda o percurso e vai abrindo caminhos para que os outros componentes a sigam.

João nos reforça que em todo esse processo, as associações são essenciais para que o trabalho e a tradição de Folia de Reis tenham continuidade, pois muitos dos foliões, como nos lembra o senhor Carlos, não possuem ajuda do governo e todo o dinheiro arrecadado para manter as folias é investido na própria festa e doado pela própria comunidade. Vale lembrar que a Folia de Reis é uma das festividades de maior engajamento cultural nas comunidades Veredeiras, porque, além de unir as

¹⁰ De acordo com o dicionário online da língua Portuguesa (2021), promesseiro significa aquele que faz promessa(s) para Santos. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/promesseiro/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

comunidades, gera uma dinâmica de continuidade ao que eles sempre fizeram em todos os anos, perpetuando uma herança cultural de grande valia para a identidade, pois, para eles,

[...] mantêm forte tradição religiosa junto às famílias da região. Trata-se de importante festa cultural que acontece em variados meses durante o ano e estão ligadas as promessas e a devoção de cada fiel. [...] As festas expressam a mobilização comunitária a partir das promessas aos santos que ocorrem com as doações (desde mantimentos até um gado) e a solidariedade entre as famílias que são fundamentais para que tudo aconteça. [...]. São folias que há muitas gerações vêm auxiliando os devotos dos santos Reis a cumprir suas promessas (FOLIAS DE REIS, 2020).

E o senhor Carlos, um de nossos entrevistados para esse estudo, complementa nos informando que para acontecer essa grande festa,

às vezes as pessoas nos presenteiam com a banda de um boi, outras vezes com o boi inteiro, às vezes uma vaca, outras vezes nos fornecem um bezerro, outros, um porco... queijo, leite, farinha. Várias dessas coisas eles dão. Tem folia que sai no dia trinta (30/12) e outro no dia primeiro (01/01) e para o festejo vai até o dia cinco (05/01) ou seis (06/01). Então, ficamos nesses dias com cantorias, passando de casa em casa e, às vezes, as pessoas apresentam nossa bandeira [...] eles pedem que a gente faça uma cantoria antiga, fazemos e a gente se ajoelha no chão em qualquer lugar para que eles possam se apresentar. [...] Toda casa que chegamos para a folia naquele dia tem café da manhã, almoço e jantar. À noite, paramos para dormir um pouco e descansar para o dia seguinte, que começa tudo de novo até o dia de Santo Reis (Carlos, Veredeiro, entrevista no dia 14 jun. 2021).

O entrevistado também acrescenta sobre a relação dos jovens com essas tradições:

Levamos a juventude e os adolescentes para aprender a tocar um instrumento, cantar... [...] às vezes a pessoa chora muito, porque se lembra da época dos foliões que eles possuíam, com as cantorias próprias, relembrando de familiares e momentos no qual tocavam naquele som, naquele ritmo [...] por este motivo, levamos algumas juventudes para poder incentivar para não perder essa cultura que é muito bacana para as comunidades tradicionais (Carlos, Veredeiro, entrevista no dia 14 jun. 2021).

A continuidade dessas cantorias de Folias de Reis, que perpassam de gerações para gerações, lembra-nos de que a tradição vai além de manter firmes os costumes, danças e cantorias nas comunidades, pois ela é uma forma de resistência ao passo que a participação de jovens nas festividades é de grande valia para continuação dessas manifestações não só para os povos das comunidades Veredeiras, mas para todas as setes comunidades tradicionais do Norte de Minas Gerais.

São Gonçalo

As festas de São Gonçalo do Amarante¹¹, originadas em Portugal na cidade de Amarante desde o século XIII, chegaram ao Brasil no início do século XVIII, junto com os Jesuítas. Contudo, “o vice-rei Vasco Fernandes César de Menezes proibiu as festas de São Gonçalo, por acreditar se tratar de manifestação contrária aos bons costumes – por possuir um teor de paganismo – que deveriam prevalecer na época” (OTÁVIO, 2004, p. 69).

Essa proibição deu-se por intermédio de manifestações diferentes no decorrer dos anos, com as mudanças no movimento e nas articulações da organização, encarada pela marca do tempo e o rigor das novas eras, pois segundo Santos (2009, p. 05), São Gonçalo era um reabilitador das prostitutas: “vestia-se de mulher e dançava e cantava com elas a noite toda. Ele entendia que as mulheres que participassem dessas danças aos sábados não cairiam em tentação no domingo. Acreditava, ainda, que com o tempo se converteriam e se casariam”.

O filme *A vida e a Dança de São Gonçalo* (2021) traz informações a respeito de São Gonçalo no qual retrata que é conhecido como Santo casamenteiro, dos violeiros e protetor dos ossos, possuindo um túmulo na cidade de Amarantes, em Portugal, onde todos os anos, nos meses de janeiro e junho, uma multidão se reúne para comemorar missas em celebração ao religioso. Nas ruas, multidões acompanham bandas tocando seus hinos, palcos com performances em homenagem ao Santo, além de desfiles nas principais avenidas da cidade.

É interessante mencionar que, durante o filme, de crianças a idosos, a toda a comunidade devota, formam uma fila para ter a oportunidade de beijar as mãos e o rosto do Religioso protetor em um túmulo em sua homenagem que fica na catedral da cidade. A fé, a devoção e os pedidos a São Gonçalo são feitos com fervor, baseando-se em promessas feitas e alcançadas.

Além disso, o filme apresenta também diversidades em cada local do Brasil onde se comemora a Festa de São Gonçalo, a cerimônia é realizada de forma diferente. Tanto as vestes dos dançarinos como a realização do ato. Em algumas cidades, homens se vestem com vestidos longos enfeitados com fitas coloridas e uma estátua de São Gonçalo é carregada no colo de uma mulher, que estimula a cantoria e incentiva os demais pelas ruas da cidade nas quais acontecem.

¹¹ São Gonçalo do Amarante nasceu em Portugal em 1187 e morreu em 1259, seu culto foi beatificado pelo Papa Júlio III em 24 de abril de 1551 (SANTOS, 2009, p. 05).

Alguns locais possuem o Santo como padroeira dos Violeiros e as rodas de danças são realizadas com muita cantoria, alegria, dança e viola, como São Gonçalo gostava. Para isso, vestem-se com panos na cabeça na cor branca e as roupas nas cores azuis ou brancas e o Santo localiza-se em um altar em frente aos festeiros (ver figura 06).

Em outras ocasiões, a festa realiza-se no terreiro do promesseiro que se apresenta sentado com o Santo em sua cabeça acima de um pano, ou de joelhos de frente para o altar durante toda a dança. Lembrando que o hospedeiro é responsável pelo café da manhã, almoço e jantar que deve ser obrigatoriamente servido a todos que se encontram no local que chega a ter em média de 60 a 100 pessoas no giro; e de 100 a 200 pessoas na Folia de Reis.

Figura 06 – Festa de São Gonçalo



Fonte: São Gonçalo, 2020.

Para os povos Veredeiros, essa ligação de fé é de suma importância para a realização da festa de São Gonçalo, pois se mistura com o forte desejo de ter a graça alcançada com a alegria de poder ter São Gonçalo como Santo representativo de todos os santos. Para Alves, que

conheceu e se encantou pelo São Gonçalo aos 20 anos, guiada pelo interesse tornou-se marcadora e hoje, aos 41 anos e morando na comunidade de Fazenda Picos, é referência no assunto. Para ela, a seriedade é muito importante, pois trabalhamos com promessas e devemos ser leais ao santo e também ao dono da promessa. A dança contém doze passos, batida de ombro, batida de arco, ziguezague, balaio e entre outros. [...] Marizete considera o balaio o passo mais encantador e também o que exige mais atenção (SÃO GONÇALO, 2020).

Deste modo, é entre fé e promessas que os povos Veredeiros se identificam quando se referem às manifestações culturais. São elas que mostram a identidade de um povo que luta para que tenham

reconhecimentos diante do cenário em que vivem, festejando, lutando pelas suas terras, tentando sobreviver dos seus plantios e de suas artes. São esses povos fervorosos que possuem fé na continuação das suas manifestações culturais através dos jovens que agora aprendem, mas que um dia substituirão quem hoje dança.

Lutas e direitos

A realização existencial dos Veredeiros e de outros povos e comunidades tradicionais sempre foi boicotada pelo agronegócio e até mesmo pelo governo. Um exemplo disto é a “Lei de Terras” (Lei n. 601, de 18 de setembro de 1850) que na tentativa de organizar as propriedades no Brasil, em 1850 foi criada e, dispunha sobre as terras devolutas do Império. Essa lei favoreceu os grandes fazendeiros e dificultou muito a condição dos pobres, pois não poderiam mais obter a posse da terra por meio de usucapião. A terra, então, só poderia ser adquirida através da compra, venda ou doação (BRASIL, 1850).

Outro exemplo de prejuízo por parte do governo está relatado no trecho abaixo:

Ainda nos anos 70, a resolução de expandir as fronteiras agrícolas associada à implementação da modernização no campo – totalmente subsidiada pelo governo – modificou a paisagem dos cerrados: em milhares de hectares onde as populações locais desenvolviam suas atividades produtivas vê-se, hoje, plantações de soja, trigo e milho. A nível social, as modificações também foram grandes. A população local, à margem do processo de modernização por não possuir capital, teve como alternativas vender suas terras e engrossar as fileiras dos que migram para a cidade ou tornar-se boia-fria, sem perspectivas de ter trabalho o ano todo (IBASE, 1986, p. 04).

A Constituição Federal de 1988 no artigo 225 afirma que “todos têm o direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado” e que o cumprimento desse direito está estreitamente ligado a favorecer a qualidade de vida saudável. Os povos dos territórios de veredas se engajam no fazer constante desses ambientes em mais que um simples local de moradia. É um local de vivenciar e relacionar-se com o mundo e com a natureza de forma harmoniosa, e com técnicas produtivas que causam pouco impacto ambiental.

No artigo 216, a Constituição Federal estabelece que o Estado, com a participação da comunidade, deve promover, proteger e preservar o patrimônio cultural brasileiro, isto é, os bens de natureza material e imaterial dos diferentes grupos da sociedade brasileira.

Os Veredeiros lutam por preservar seus saberes e fazeres, que são os jeitos de ser e viver intrínsecos destes povos, sejam eles em áreas de proteção permanente ou não, pois preservar não pode ser visto como uma dissociação do homem com a natureza, até porque este também é natureza. De acordo com Costa (2012), a relação constituinte e construtiva entre homem e natureza está imbricada no modo de vida dos Veredeiros, sendo esta indissociável. Esta relação pode até ser moldada, desenhada para haver uma condição de trocas e de sustentabilidade onde todos se beneficiam mutuamente, mas não dissociadas, separadas.

Outro marco legal a ser considerado é a Convenção da Organização Internacional do Trabalho nº 169, que entrou em vigência nacional pelo Decreto Presidencial n. 5051, de 19 de abril de 2004, ampliando os direitos dos povos indígenas ou tribais. A principal conquista da implementação deste decreto foi o direito à Consulta Livre, Prévia e Informada, um instrumento que estabelece que esses povos podem influenciar diretamente nas tomadas de decisões que lhes possam afetar.

Em 13 de julho de 2006 foi criada a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (BRASIL, 2006) para coordenar a elaboração e acompanhar a implementação da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – PNDSPT (BRASIL, 2007).

A PNDSPT foi regulamentada pelo Decreto n. 6040/2007, que em seu Artigo 3º. define que os povos e comunidades tradicionais são

grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Este decreto garante a esses grupos, ainda, o acesso e interação com os seus territórios tradicionais e aos recursos naturais, e tem como um de seus objetivos estimular a criação de Unidades de Conservação de Uso Sustentável, assim como atender as necessidades e demandas das comunidades tradicionais.

Outro marco regulatório e histórico é o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais – CNPCT (BRASIL, 2016). No dia 09 de maio de 2016, por meio do Grupo de Trabalho de Transição da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, esta Comissão foi revogada e transformada em Conselho supracitado.

O CNPCT tem por objetivo o acompanhar e aprimorar as políticas públicas para os povos e comunidades tradicionais. É composto por 29 representantes de segmentos de povos e comunidades tradicionais e 15 do governo federal. O senhor Carlos, entrevistado para este estudo, é da Associação dos Pequenos Produtores Rurais e Agricultores Familiares de Rio Pardo, Capoeirão e Adjacências, e conselheiro titular da sociedade civil representando os Veredeiros no CNPCT.

As comunidades Veredeiras vêm se organizando para terem seus direitos garantidos, mas ainda se faz necessário um maior engajamento e articulação por parte dos povos dessas comunidades para a (re)afirmação de seus fazeres e saberes técnicos no que tange ao aproveitamento sustentável e preservação/recuperação dos recursos naturais das veredas, de reivindicações contra o agronegócio e a exploração de minerais e a luta por direitos étnicos e territoriais.

Figura 07 – Encontro dos associados das Comunidades Veredeiras



Fonte: MELO, Fátima, 2021.

É preciso dar visibilidade e voz aos povos Veredeiros a fim de fortalecer sua articulação, inclusão, promoção e mobilização sociopolítica na luta qualificada por efetivação, ampliação e garantia de seus direitos próprios, individuais e/ou coletivos, como cidadãos e cidadãs de comunidades tradicionais, retirando-os da situação de vulnerabilidade, isto é, reconhecendo, respeitando, valorizando e emponderando-os.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer desse estudo, percebemos que a identidade dos Povos Veredeiros está intimamente ligada com o local no qual vivem, as veredas do Cerrado. É nesse ambiente que exteriorizam sua cultura por meio das diversas manifestações culturais, a utilização do solo de forma responsável para a agricultura, pecuária e extrativismo, além de (re)afirmar a luta pelo seu território contra as diversas investidas do sistema capital de produção, que desrespeita e desprestigia todos os povos e culturas do Cerrado.

A luta contra este movimento, de ataques provocados pelo capitalismo vigente, constituiu-se de maneira prolongada, visto que o Cerrado se tornou um palco de disputas há mais de cinco décadas, tendo como características a plantação de monoculturas e criação de gado, em especial, com a constituição de diversos programas de desenvolvimento ao longo desse processo, financiados pelo capital estrangeiro. Com isso, o discurso de “modernização do Cerrado” instituiu-se, e, com ele, a devastação do Cerrado, como o desmatamento, queimadas, degradação do solo, extinção de fauna e flora, poluição e uso irregular d’água, entre outros impactos e problemas, que contribuem consequentemente para a expulsão dos povos do Cerrado, em especial dos Veredeiros, que são suprimidos veementemente por não terem condições de manter os seus modos de ser e viver diante desse quadro.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Prof. Dr. Ivanilton José de Oliveira pela leitura crítica e considerações realizadas ao artigo.

REFERÊNCIAS

A VIDA E A DANÇA DE SÃO GONÇALO – FILME. YouTube, 1 vídeo (27:27). Publicado pelo canal Dêniston Diamantino. 10 de janeiro de 21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=STrQnSYBWuI&t=562s>. Acesso em: 20 out. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 8.2.2007, p. 316, 8 de fev. de 2007.

BRASIL. Decreto de 13 de julho de 2006. Altera a denominação, competência e composição da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. 13 de jul. de 2006.

BRASIL. Decreto nº 8.750, de 9 de maio de 2016. Criação do Conselho CNPCT e Portaria nº 47, de 11 de maio de 2016.

BRASIL. Lei 601, de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l0601-1850.htm. Acesso em: 20 jul. 2021.

BARBOSA, Altair Sales. **Sistema biogeográfico do Cerrado**: alguns elementos para sua caracterização. Goiânia: Ed. UCG, 1996.

BARROSO, Oswald. Reisado: um patrimônio da humanidade. **Juazeiro do Norte**: Banco do Nordeste, 2008.

COSTA, João Batista de Almeida et. al. **Os guardiões das Veredas Grande Sertão**: a população tradicional veredeira do Assentamento São Francisco e Gentio, Parque Nacional Grande Sertão Veredas e o inventário das referências culturais. Brasília: Fundação Pró- Natureza, set. 2005.

COSTA, João Batista de Almeida. Tempo Reversivo e Espaço Transfigurado: etnocídio nas veredas do sertão. **Revista Brasileira de Estudos Jurídicos**, Montes Claros, v. 7, n. 1, p. 13-42, jan./jun., 2012.

DOCUMENTÁRIO SOBRE A FOLIA DE REIS. YouTube, 1 vídeo (24:47). Publicado pelo canal Poeta Travadores. 3 de junho de 18. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0wyRw6D7HRQ>. Acesso em: 20 out. 2021.

FÉLIX, Madeleine; PESSOA, Jadir. **As viagens dos reis magos**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2007.

FERREIRA, Idelvone Mendes. **Bioma Cerrado**: caracterização do subsistema de vereda. In: IX EREGEO – Encontro Regional de Geografia. Porto Nacional, julho de 2005.

FILHO, Archimedes Perez; MOREIRA, Vinícius Borges. **Nascentes do Cerrado no Triângulo Mineiro-MG**: caracterização física das veredas e campos de murundus. In: ANAIS XI ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 2015.

FOLIA DE REIS. Januário/MG, 24 julho 2020. Instagram @acever.mg. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDB236JAmn5/>. Acesso em: 16 jul. 2021.

GOMES, Luiz Guilherme dos Reis; FREITAS, Danielle Pereira Gonçalves de. As Gentes da Veredas Sertanejas: produção e temporalidade. In: II CONGRESSO EM DESENVOLVIMENTO SOCIAL & II SEMINÁRIO NORTE-MINEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2010, Montes Claros. **Anais...** Montes Claros, 2010.

GONÇALVES, Gabriela Marques. **Religiosidade popular e Folia de Reis**. In: Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/Jataí: História e Diversidade Cultural. Setembro de 2012.

HOJE EM DIA. 2017. Disponível em: <https://www. hojeemdia.com.br/horizontes/pesquisa-pioneira-mostra-propriedades-medicinais-da-fava-d-anta-planta-do-cerrado-1.541018/fava-d-anta-planta-medicinal-do-cerrado-1.541020>. Acesso em: 18 out. 2021.

IBASE. Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. **A ocupação dos Cerrados**: uma análise crítica. Rio de Janeiro: jul. 1986.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 06 jul. 2021.

MARTINS, Geraldo Inácio. **Camponeses em reterritorialização**: os veredeiros atingidos pelo Parque Nacional Grande Sertão Veredas, norte de Minas Gerais, 2012.

MARTINS, Geraldo Inácio; CLEPS JUNIOR, João. As tramas da des(re)territorialização camponesa: a reinvenção do território Veredeiro no entorno do Parque Nacional Grande Sertão-Veredas, Norte de Minas Gerais. **Campo Território**: revista de geografia agrária, v. 7, n. 13, p. 134-168, fev., 2012.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Convenção n. 169 sobre povos indígenas e tribais e Resolução referente à ação da OIT**. Brasília: OIT, 2011.

OTÁVIO, Valéria Rachid. **A Dança de São Gonçalo**: re-leitura coreológica e histórica. 2004. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Campinas: Unicamp.

PERGO, Vera Lucia. **Os rituais na folia de reis**: uma das festas populares brasileiras. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007.

RIBEIRO, José Felipe; WALTER, Bruno Machado Teles. Fitofisionomias do bioma cerrado. In: SANO, Sueli Makito; ALMEIDA, Semíramis Pedrosa de. (Org.). **Cerrado**: ambiente e flora. Planaltina: Embrapa-CPAC, 1998, p. 89-166.

SANTOS, Giordanna. **Cultura popular e tradição oral na festa de São Gonçalo Beira Rio**. IN: V ENECULT-Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil, v. 27, 2009.

SÃO GONÇALO. Januário/MG, 21 agosto de 2020. Instagram @acever.mg. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDB236JAmn5/>. Acesso em: 16 jul. 2021.